

# A rigorosa fábrica de fazer pequenos gênios do Japão

STEVEN WEISMAN  
Do New York Times

TÓQUIO — O dia começa cada vez mais cedo no país do Sol nascente. O pequeno Naoto Euguchi acorda de madrugada para conseguir cumprir todas as suas tarefas. Pela manhã e à tarde, ele estuda em uma escola regular. A noite, segue para as sessões especiais de estudo. Chegando em casa, não vai para a cama antes de fazer a revisão das aulas. Um tour-de-force para um menino de 10 anos.

Naoto, como todas as crianças de sua idade, aprende desde muito cedo o peso e o significado da palavra competição na sociedade japonesa. Como um adulto, ele fala da importância de ser aprovado nos exames de admissão de uma escola secundária. Afinal, depende disso seu ingresso em uma universidade de prestígio. E, principalmente, em uma empresa de futuro.

Pais ávidos por um futuro brilhante para os filhos chegam a matrículá-los na escola com apenas dois anos de idade. As jukus

— escolas complementares ao ensino normal — são a maior prova disso. Uma vez matriculadas nas jukus, as crianças passam a viver em função dos estudos.

Hoje, essas escolas são vistas como uma sombra do sistema de ensino regular. E estão assumindo uma importância cada vez maior para os pais. O diretor de um colégio regular, que prefiriu não se identificar, disse que as atividades extra-classe — como ginástica, dança ou pintura — são quase sempre suspensas a pedido dos próprios pais. O motivo é sempre o mesmo: "Eles têm que ir para a juku".

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Yano revela que existem 4,4 milhões de crianças matriculadas em 50 mil a 60 mil jukus. Isso representa 18,6% dos alunos das escolas elementares e 52,2% dos estudantes dos níveis mais adiantados. Somente no ano passado, o Japão aplicou US\$ 10,9 bilhões no setor educacional — US\$ 9 bilhões diretamente investidos nas jukus.



As crianças japonesas se habituam à competitividade do mundo adulto através de um regime de estudos que começa de madrugada e só termina à noite